

CONTEÚDOS

01-EDITORIAL

03-ARTIGO CULTURA ACESSÍVEL ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NOS PAÍSES VIZINHOS

08-OPINIÕES APRENDER PARA FAZER, FAZER PARA APRENDER: O ENSINO E A PRÁTICA DA MUSEOLOGIA (PARTE I)

12-ENTREVISTA COM... JOÃO CEPEDA, DIRECTOR DA REVISTA TIME OUT

14-NOTÍCIAS ICOM RELATÓRIO DE PARTICIPAÇÃO NO 9º ENCONTRO ANUAL DEMHIST

15-NOVAS PUBLICAÇÕES

16-CALENDÁRIO DE INICIATIVAS

EDITORIAL

Continuamos no presente número de Informação ICOM.PT a manter a diversidade que caracteriza este espaço editorial, procurando nomeadamente dar a conhecer quer boas práticas que nos possam servir de referência (neste caso, no que diz respeito aos serviços para pessoas com necessidades especiais), quer as percepções da comunidade, ou dos seus *opinion makers*, que nem sempre nos satisfazem, mas importa conhecer e usar como base para nossa reflexão (neste caso, a reportagem sobre os museus de Lisboa e sobretudo as considerações preambulares feitas pelo editor da revista Time Out, que nos levaram a entrevistá-lo).

Mas escolhemos também um tema-chave, que normalmente tratamos sob a forma de confronto de ideias na rubrica Opinião – neste caso a problemática de formação académica e profissional, questão que está verdadeiramente na ordem do dia e reveste contornos particulares no caso dos museus portugueses. Com efeito, não apenas no nosso caso se pode, e deve, discutir as questões relacionadas com a mais adequada formação académica de base para o exercício das diferentes profissões museais, assim como as modalidades da formação permanente ao longo da vida profissional, como sobretudo importa reflectir sobre o inquietante fosso geracional, a que o verdadeiro despovoamento dos museus está a conduzir.

A Comissão Nacional Portuguesa do ICOM tem vindo a continuar a dar a todos estes aspectos a atenção possível, dentro das limitações com que se confronta. Assim, realizámos já, em Outubro passado, um encontro de informação e debate sobre o Referencial Europeu de Profissões Museais, no qual contámos com a presença de Angelika Ruge, presidente do ICTOP, o comité internacional do ICOM sobre os temas de formação e definição de perfis funcionais nos museus. Ressaltou desse debate o aparente divórcio existente entre o percurso seguido pela administração pública portuguesa, com a recente extinção de todas as carreiras museológicas, em benefício de carreiras englobantes, e a necessidade sentida internacionalmente em estabelecer perfis profissionais precisos. Admitindo o não retorno do actual enquadramento português, expressámos no debate acima referido o convencimento que pode até haver benefícios a retirar desta situação (maior inter-comunicabilidade entre serviços e perfis funcionais no interior da administração pública), desde que sejam rigorosamente definidos os diferentes perfis profissionais necessários ao preenchimento de lugares dos museus e os mesmos constem dos procedimentos concursais ou contratuais que vierem a ser adoptados. O Referencial Europeu pode vir a constituir um importante texto de apoio neste sentido, mas importa desenvolver os nossos próprios instrumentos de referência, adaptados à nossa realidade.

Em Fevereiro próximo e no âmbito do Fórum Cultura e Criatividade, a ter lugar na Exponor, iremos promover um outro debate, desta vez sobre questões de formação académica e, mais concretamente, sobre a natureza dos estágios profissionais, em ambiente real de trabalho, necessários à verdadeira habilitação dos técnicos dos museus. O presente boletim representa já um primeiro passo nesta direcção, ao dar voz na rubrica Opiniões a diferentes percepções que podem existir acerca da adequada formação dos profissionais de museus, quando observada a partir dos centros de ensino ou a partir do interior dos museus.

Para nós, os práticos dos museus, causa-nos frequentemente estranheza a formação demasiado livresca obtida pelos jovens que se pensa poderem fazer carreira nos museus. Nada temos contra a reflexão teórica, até porque sabemos que não existe nada de mais prático do que uma boa teoria. Concordamos até em que frequentemente a prática museológica, desprovida de reflexão teórica e enquadramento político-social, conduz ao equívoco de pensar que os bens guardados nos museus se justificam por si próprios, independentemente da apropriação social que deles se faça. Mas, tudo somado, não conseguimos passar sem dizer que o centro de qualquer museu são as suas colecções, as quais devem ser vividas a partir de dentro, com sentido humano.

Acresce que a formação profissional para museus não se resume nem à formação de nível superior, nem à formação inicial. Tão importante como conservadores ou museólogos, animadores educativos ou conservadores-restauradores, são os guardas-recpcionistas, os auxiliares de museografia, os instaladores de exposições, etc. E tão relevante como a preparação no início de uma carreira são as acções de actualização e reciclagem, feitas ao longo da vida de trabalho. Ora, se é verdade que quanto a esta formação contínua, em exercício, algo de positivo tem sido feito no âmbito dos programas da Rede Portuguesa de Museus, já quanto aos profissionais de níveis de escolaridade básica ou secundária quase não existe formação específica profissionalizante na actualidade.

Sabemos, pois, que muito há a fazer nestes domínios, que constituem o maior desafio geracional de todos os que trabalham em museus e convivemos com os seus acervos, ao ponto de os amarmos. Causa-nos profunda angústia não podermos passar o testemunho a esses quantos jovens, porventura não muitos, mas ainda assim preciosos, que vemos passarem pelas casas onde trabalhamos, adquirir os saberes-fazeres e desenvolverem a mesma relação afectiva pelas colecções que nos faz sempre e *malgré tout* sentirmo-nos compensados, ou até privilegiados, por termos escolhido as nossas profissões. Poderão as novas modalidades de contratação pública que se anunciam, e ainda se não vêm, ser a solução para o hiato geracional que já existe? Esperemos que sim. Para bem desses jovens, para nosso sossego e tranquila reforma quando chegar o tempo, e sobretudo para bem dos nossos museus e das suas colecções.

Luís Raposo
Presidente do ICOM Portugal

ARTIGO

CULTURA ACESSÍVEL ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NOS PAÍSES VIZINHOS

Fátima Alves

Membro individual do GAM – GRUPO PARA A ACESSIBILIDADE NOS MUSEUS

www.gam.org.pt

Portugal tem grandes museus, boa legislação, bons profissionais, e, no entanto, as questões de acessibilidade ao nível cultural continuam a ser consideradas um pormenor, ou melhor dizendo, uma pedra no sapato. De tempos a tempos, discutem-se bons e maus exemplos, partilham-se boas e más práticas, mas o certo é que pouco ou nada avança. Sem perder a esperança que algumas mudanças possam vir a ocorrer a curto ou médio prazo, e enquanto se espera pelas mesmas, os nossos vizinhos europeus, em particular a França, a Inglaterra e a Espanha, podem ser um óptimo exercício de descoberta e de reflexão de forma a apurar o nosso espírito crítico nestas questões.

São muitos os museus lá fora que têm uma forte política interna para responder às necessidades das pessoas com deficiência e não só. Acreditam conscientemente que esta preocupação deve estar integrada no serviço que pretendem prestar e que não é possível ter um museu acessível sem garantir uma série de condições concretas. La Cité des Sciences et de l'Industrie, o Louvre, o Victoria & Albert Museum, a Tate Modern e o Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, são cinco desses museus que demonstram claramente as suas intenções.

Então, o que têm estes museus em comum?

1. Uma Direcção com um forte impacto na estratégia de acessibilidade, que define claramente no plano de actividades quais as acções prioritárias a serem postas em prática em cada ano. Todos os departamentos (ou quase) e o serviço de acessibilidade trabalham para atingir objectivos comuns e para obter os resultados pretendidos. Existe um compromisso assumido pela Direcção perante todos os funcionários do museu.

2. Uma ou mais pessoas são responsáveis pela acessibilidade¹. Todas elas estão integradas no serviço ligado à educação ou numa estrutura independente, mas à qual todos os departamentos devem recorrer e vice-versa. Partindo do princípio que existem sérias lacunas a todos os níveis no acesso externo (físico e informativo) e interno (físico, informativo e participativo), justifica-se uma ou mais pessoas estarem a trabalhar a tempo inteiro para lidarem com as mesmas.

3. Um orçamento para a melhoria da acessibilidade que contempla as exposições e actividades de cada ano, assim como a formação necessária. Para cada uma dessas áreas (exposições/actividades/formação) existe um claro valor económico, dando possibilidade ou para se criarem exposições acessíveis ou para a sua adaptação posterior ou ainda para a aquisição e/ou criação de materiais alternativos de apoio às visitas e actividades, bem como para a participação em seminários e cursos.

3. Funcionários sensibilizados para as necessidades destes públicos, através de várias acções de formação periódicas. Por mais eficiente que seja o serviço de acessibilidade, só haverá uma melhoria consistente no museu se todos estiverem suficientemente esclarecidos e informados sobre o público com deficiência. O conhecimento sobre investigações e práticas em outros museus pode fazer toda a diferença para cada um dos departamentos existentes.

4. Funcionários com necessidades especiais. A aposta em funcionários e colaboradores competentes com deficiência, envolvidos desde o princípio em diversos projectos (criação de exposições e actividades) ao

¹ Estes profissionais denominam-se por "Chargé du public handicapé", "Chargé de développement des publics", "Disability and Access officer" (Sackler Centre for Arts Education), "Curator of Access Projects" (Tate Learning), "Coordinador de Programas de Accesibilidad (Educación)".

longo de vários anos, permite chegar, por exemplo, ao conceito de exposição efectivamente para todos, ao contrário do que acontece se o museu se limitar a consultores externos.

5. *Websites* com informação credível sobre os apoios existentes no museu. A partir do momento que o museu se diz acessível ou parcialmente acessível, é necessário que a pessoa com deficiência e o seu acompanhante (caso seja necessário) tenham acesso a essa informação. Desde os contactos do serviço de acessibilidade, à oferta disponível, aos apoios existentes, aos preços, aos projectos desenvolvidas e outros aspectos que sejam de interesse.

6. Promovem a participação dos vários departamentos para a melhoria da acessibilidade; grande parte dos profissionais dos museus tem dificuldades na concretização, ou por falta de hábito ou por acharem que a acessibilidade é uma utopia, e por isso, o estímulo por parte da Direcção e da equipa de acessibilidade são um óptimo reforço.

7. Desenvolvem acções específicas de forma a aproximar as pessoas com necessidades especiais do museu; o museu passa a ser um espaço de passagem para as instituições e indivíduos com deficiência em toda a oferta do museu; organizam-se conferências sobre acessibilidade; dá-se visibilidade às instituições através de pequenas exposições de arte ou de trabalhos executados por artistas com deficiência; disponibiliza-se reforços técnicos junto de diferentes grupos com necessidades especiais. Por exemplo, neste ano lectivo 2008/2009 o Louvre criou um programa de sensibilização destinado aos profissionais do ramo médico-social para os ajudar a desenvolver um projecto de visitas em grupo ao museu (a condição da pessoa com doença mental tem sido muito debatida em França).



Figura 1

Cité des Sciences et de l'Industrie. Numa exposição sobre carros, réplica de um carro para ser tocada, acompanhada de uma legenda com texto em Braille e desenho do carro em relevo; informação em língua gestual num ecrã.

(Foto: Fátima Alves)

A **Cité des Sciences et de l'Industrie** é talvez o museu mais acessível, tanto ao nível europeu como internacional. No seu serviço de acessibilidade estão integradas oito pessoas que trabalham na renovação das exposições permanentes e na criação/orientação de exposições acessíveis no que diz respeito às pessoas com deficiência (Figura 1). O serviço é constituído por uma pessoa cega e uma assistente, responsáveis pelo público com deficiência visual, duas pessoas surdas responsáveis pelo público com deficiência auditiva, uma pessoa responsável pelo público com deficiência motora e mental, uma pessoa para outras necessidades especiais, uma secretária que dá apoio em tudo e uma pessoa que coordena o serviço. A mais importante medida actualmente tomada por este museu corresponde à renovação do *website*, que durante muitos anos constituiu um problema para as pessoas cegas e com baixa visão. Finalmente, a partir de 2009 estará completamente acessível a todos

(já o é para o público surdo, através da utilização de vídeos com língua gestual francesa). Não será de estranhar, por isso, a obtenção pela segunda vez, em 2006, do *Label "Tourisme et Handicap"* para as quatro deficiências (motora, visual, auditiva e mental), selo utilizado em França que certifica a acessibilidade de um espaço cultural.

O **Museu do Louvre** tem a particularidade de ter uma pequena galeria táctil de 80 m² (Figura 2) para uma visita autónoma da pessoa com deficiência visual e que está também aberto ao restante público. As características desse espaço são: a orientação, que é constituída por uma banda pédotáctil, um corrimão que



Figura 2
Museu do Louvre. Vista parcial da galeria táctil
(Foto: Fátima Alves)

espaço do museu (excepto na galeria táctil) informação ou orientação para os visitantes cegos. Para o público surdo, qualquer visita, conferência ou atelier terá, mediante marcação prévia, o acompanhamento de um colaborador surdo ou intérprete. Além disso, existe uma programação trimestral igual à que se propõe ao público em geral (em menor escala); por exemplo, para cada nova exposição, existem várias datas em que não precisam de solicitar um colaborador surdo ou um intérprete. Para o público com deficiência mental as visitas e ateliers com apoio necessitam de marcação prévia, sendo que colaborador do museu está devidamente preparado para receber estes grupos.



Figura 3
Victoria & Albert Museum. Exemplo de estruturas "hands-on"
que se encontram espalhadas pelo museu (Foto: Fátima Alves)

certamente, alguma incapacidade a nível de recursos humanos, não permitem ainda que todas as exposições temporárias tenham esse documento. Quanto ao público surdo e com deficiência mental, a situação é idêntica à do Museu do Louvre.

Na **Tate Modern**, para qualquer dos públicos com necessidades especiais existem as respostas habituais: algumas obras podem ser tocadas com luvas, são utilizados na visita/atelier materiais semelhantes aos que foram utilizados nas obras, é possível recorrer a relevos feitos para a exploração de vários aspectos da obra, são realizadas visitas e ateliers em língua gestual inglesa, existem PDAs que permitem à pessoa surda fazer a sua visita de forma autónoma, etc. No entanto, não encontraremos nas exposições nada que nos indique claramente que existe este vasto trabalho de acessibilidade, como acontece na Cité des Sciences et de

passa por todas as obras com uma mudança de material junto destas e uma planta em relevo do espaço na entrada; a legendagem com texto em Braille e ampliado e pedaço de material utilizado na obra; o tocar as cópias dos originais expostos em várias salas do museu, o que permite apreender o volume, o baixo-relevo, a forma, o estilo, a expressão de um rosto, etc; a descrição sonora de cada obra através de audioguia e a utilização de desenhos/imagens em relevo. Pelo facto deste ser o único espaço do museu onde se pode tocar os objectos, a equipa de acessibilidade cria vários documentos com relevos sobre as várias exposições e desenvolve vários ateliers para este público. No entanto, o Louvre detém apenas o *Label "Tourisme Handicap"* para as três deficiências (motora, auditiva e deficiência mental), pois, não existe em todo o

O **Victoria & Albert Museum** tem, desde 2002, uma pessoa responsável pelas questões de acessibilidade que está na retaguarda de todos os serviços do museu, excepto no atendimento ao público; isto é, não faz o acompanhamento de visitas/ateliers, mas orienta quem o faz (estar na retaguarda e na frente é uma tarefa demasiado grande para uma única pessoa). Podemos encontrar nas exposições permanentes legendas em braille com relevos e objectos para tocar (Figura 3), bem como situações "hands-on" para todos, o que não é habitual encontrar, pois na maioria dos museus do género não se pode tocar em nada. Quanto às exposições temporárias, encontra-se disponível, pontualmente, para o público com deficiência visual uma brochura com informação em braille e imagens em relevo, uma vez que o elevado número de exposições temporárias patentes nesse museu e,

l'Industrie e, como também já referido, no Victoria & Albert Museum. Por isso, a consulta prévia do website do museu quanto aos apoios existentes é fundamental. É, sem dúvida, impressionante a seriedade com que a questão da acessibilidade é abordada, mesmo que os serviços não sejam ainda muito visíveis. Uma larga e intensa divulgação junto das associações, instituições e público, conduzem a um número elevado de visitantes com deficiência.

Mais recentemente, o **Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia** implementou várias soluções para o desenvolvimento de uma maior acessibilidade, como, por exemplo, a selecção de algumas obras para poderem ser tocadas, relevos das obras mais importantes, melhoria da acessibilidade arquitectónica, programas funcionais para os grupos com deficiência mental, etc. Mais uma vez, a informação sobre a acessibilidade no *website* permite compreender que serviços podem ser solicitados durante uma visita ou actividade. O coordenador deste programa tem sido apoiado pela Direcção do museu no seu percurso de formação em museus da Europa e Estados Unidos da América, quer ao nível das acessibilidades quer ao nível das temáticas do seu museu.

O sucesso destes museus nas questões de acessibilidade deve-se principalmente à estrutura extremamente bem organizada e fortemente apoiada para esse efeito. Sem esta organização e este apoio, que permitem realizar um trabalho continuado, qualquer acção seria uma mera tentativa que a curto ou médio prazo obrigaria ao regresso à estaca zero! Todos estes grandes museus conseguiram afirmar-se nesta área não através de boas intenções ou de modas, mas através de um real investimento humano e material. Além de uma boa rede de contactos e do desenvolvimento de projectos (exposições, livros com relevos, informação...) em conjunto com as instituições e indivíduos, conseguiram aumentar o número de visitantes com deficiência, ano após ano.



Figura 4

Museu do Louvre. Cartazes nas várias entradas do museu (Foto: Fátima Alves)

Os museus apresentados têm um forte impacto e imagem perante a sociedade, sendo também pressionados pelo Estado para serem efectivamente acessíveis às pessoas com deficiência. O empenho destes museus e a demonstração explícita de que a pessoas com deficiência têm o seu lugar no museu são factores de extrema importância (Figura 4); nestes últimos anos, este aspecto tem sido particularmente forte em França, através do selo *Label "Tourisme et Handicap"* (Figura 5), criado em 2001 pelo Ministério encarregado do Turismo, bem como da criação da Comissão Nacional Cultura-Deficiência constituída pelas associações representativas das pessoas com deficiência, pessoas com deficiência do meio cultural e artístico e representantes de vários Ministérios (Ministério da Cultura e da Comunicação, Ministério do Equipamento, dos Transportes e da Habitação e Ministério do Emprego e da Solidariedade). Esta acção combinada, também ao nível político, tem muito mais viabilidade do que qualquer outra tentativa, pois implica o espaço cultural, a mobilidade e as pessoas com deficiência na melhoria da acessibilidade.

Para quando em Portugal?

PÁGINAS SOBRE ACESSIBILIDADE NOS WEBSITES DOS CINCO MUSEUS

http://www.cite-sciences.fr/francais/ala_cite/cite_pra/accessibilite/global_fs.htm

http://www.louvre.fr/lv/pratique/alaune_handicape.jsp?bmLocale=fr_FR

http://www.vam.ac.uk/your_visit/disability/index.html

<http://www.tate.org.uk/modern/access.htm>

<http://www.museoreinasofia.es/museoreinasofia/live/educacion1/accesibilidad.html>



Figura 5
Label "Culture Handicap" (Foto: Fátima Alves)

DOCUMENTOS COM RELEVÂNCIA DISPONÍVEIS ONLINE

<http://www.amonline.net.au/amarc/pdf/research/many-voices.pdf>

<http://en.parisinfo.com/guide-paris/-tourisme-handicap-/guide/-tourisme-handicap-the-tourisme-handicap-label>

<http://www.culture.gouv.fr/handicap/commission.html>

http://www.tate.org.uk/about/freedomofinformation/Tate_Disability_Equality_Scheme.pdf

http://www.vam.ac.uk/files/file_upload/31458_file.pdf

OPINIÕES

Em continuação do debate que se iniciou sobre as profissões museais, questão inevitavelmente associada à formação, técnica e profissional, apresentamos nesta edição as opiniões de dois responsáveis por cursos de Museologia, que serão seguidas, na próxima edição, pelas opiniões de dois profissionais de museus, dos quais um tem formação académica em Museologia e o outro não.

APRENDER PARA FAZER, FAZER PARA APRENDER: O ENSINO E A PRÁTICA DA MUSEOLOGIA

PARTE I

I

Armando Coelho Ferreira da Silva

Director do Curso de Museologia, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Universidade do Porto

No momento em que a Museologia, quer na sua vertente de investigação científica quer na perspectiva mais profissionalizante, se assume como mais valia do processo de interiorização das concepções actuais de cultura como componente estruturante da História e do quotidiano, onde as heranças patrimoniais afectam directamente o público em geral, com implicação directa nas instituições museológicas e seus profissionais, cumpre relevar o papel desempenhado pelo nosso Curso e seus congéneres para a formação de um corpo técnico com conhecimentos específicos, sustentados e legitimados, para cumprir com toda a eficácia a sua missão de mobilização social e cultural.

Com efeito, a “explosão” museológica verificada em Portugal nos últimos anos, a par dos contextos internacionais que conferem uma importância central aos museus e ao património, ajudaram a conferir à Museologia uma visibilidade e uma projecção social de enorme relevância. O extraordinário progresso que a prática museológica conheceu nas duas últimas décadas teve, igualmente, correspondência no salto qualitativo que se verificou nos nossos conhecimentos, desenvolvimento esse que é fruto da qualidade da formação universitária e dos projectos de investigação.

Atenta a esta realidade, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto tem procurado adaptar a estrutura curricular do seu Curso de Museologia à transformação do sector em Portugal, apostando na sua constante actualização perante novos desafios e tendo apresentado propostas adequadas à reestruturação do Ensino Superior no espaço europeu segundo a Declaração de Bolonha. O quadro curricular objectiva uma aprendizagem rigorosa relativamente a todas as competências da formação em museus, reflectindo a sensibilidade e a importância que o Curso atribui à conservação e restauro, à investigação, organização e gestão das colecções e à problemática, hoje decisiva, da comunicação, para a preservação e transmissão do Património. Visando potenciar os recursos da Museologia, pretende-se identificar, definir claramente e enraizar conceitos fundamentais, promovendo a pesquisa, reflexão e debate sobre filosofias e estratégias de actuação nessas áreas, sem abdicar do conhecimento das exigências da arquitectura de museus e da capacidade das modalidades de gestão, das tecnologias da informação e dos desafios do audiovisual, com abertura à Antropologia, entre as materialidades, Centros de Ciência e de Arte Contemporânea, na área institucional, e as Indústrias da Cultura, no quadro da sustentabilidade do Sector.

Aposta-se também na formação teórica e prática integrada em contexto real de museu e laboratório, na investigação, no desenvolvimento de projectos e no contacto directo com diferentes especialistas, através da

organização de seminários temáticos e *workshops*, tornando-se espaço privilegiado para a disseminação de informação, onde se pugna no sentido de congregar sinergias e contribuir para a protecção e valorização sustentada do Património.

No contexto do processo de adaptação à Declaração de Bolonha, tornou-se imperioso reorganizar o ensino da Museologia no Curso de Mestrado existente (última edição 2006/2007), perspectivando-o, nomeadamente, no sentido de uma formação para a empregabilidade, garantindo a preparação dos alunos para o exercício profissional, a ser exercida em todo o tipo de museus e instituições para-museológicas, e também no seio das mais diversas organizações, além de promover a investigação nesta área. Pareceu-nos igualmente pertinente proceder à adequação do Curso de Doutoramento existente, enquadrando de forma sistemática todo o potencial de investigação, criando melhores condições para a formação de uma comunidade de alto nível de especialização, capaz de produzir conhecimento científico e investigação aplicada de excelência. Ao longo dos anos de vigência dos actuais cursos de Especialização e de Mestrado em Museologia, esta área tem revelado uma alta taxa de empregabilidade. Com a adequação curricular aos princípios da Declaração de Bolonha espera-se que essa taxa de mantenha ou saia reforçada. Numa sociedade cada vez mais exigente em qualificações e competitiva, espera-se igualmente que os novos doutorados assumam posições de destaque na profissão.

Aos diplomados com o 2º e 3º Ciclo, Mestrado e Doutoramento em Museologia, são reconhecidas competências profissionais plenas, que conferem autonomia de actuação profissional, nomeadamente, a capacidade de desenvolver e implementar planos de gestão de colecções que incluam o inventário, documentação e estudo de colecções; criar e implementar projectos inovadores de carácter educacional e lúdico para públicos diferenciados; desenvolver, gerir e implementar projectos expositivos em equipa; desenvolver programas e estratégias de comunicação que motivem os públicos para o papel importante que podem desempenhar na deterioração/preservação do património; encetar relações transversais e institucionais de trabalho e promover o seu envolvimento no desenvolvimento de uma política institucional de identificação, caracterização material e diagnóstico do edifício/colecções; utilizar metodologias de gestão de risco, estabelecendo prioridades para uma estratégia integrada, pró-activa e adaptável a mudanças, de protecção quer do edifício/museu quer das colecções, com base no conhecimento profundo das suas características, dos seus contextos e respectivas interações; gerir de forma integrada os recursos materiais e humanos de acordo com a visão de missão da instituição; integrar os sistemas, as novas tecnologias e as técnicas mais eficazes e eficientes em matéria quer de gestão de colecções quer de comunicação. Aos Doutorados é ainda reconhecida a capacidade de desenvolver e coordenar projectos de investigação nesta área científica.

Analisados comparativamente os *curricula* de 40 cursos de pós-graduação dentro da mesma área científica no espaço europeu, foi reconhecida a sua diversidade, com diferenciação entre a tradição continental e a anglo-saxónica, notando-se que esta se encontra mais presente nas instituições do Centro e Norte da Europa.

Verificando-se uma singular diversidade de concepções na composição dos *curricula* e duração dos cursos, variando entre extremos de formação técnica de curta duração e, para o que nos diz respeito, cursos de composição mais abrangente, impondo a formação teórica e prática mais alargada, que se reflecte em *curricula* mais ambiciosos e duração mais longa das componentes lectivas e dos prazos para apresentação de projectos e dissertações. Tal se revela em conformidade com o nosso padrão organizativo, não só em tempo lectivo como na estruturação curricular, onde se verifica a possibilidade de conduzir a formação para duas vertentes opcionais complementares, uma de cariz profissionalizante, visando a integração no mercado

de trabalho, e uma outra de investigação, essencial para o desenvolvimento científico da área de especialidade da museologia e acesso a um ciclo e um grau de formação superior.

Sintetizadas as referências das formações dos diversos países europeus, observa-se que a tradição anglo-saxónica tem vindo a impor a concepção desse 2º ciclo, na via de investigação, como um *M.A.* vocacionado para a prossecução de estudos dirigidos para a obtenção de um *Ph.D* na área de estudos da Museologia. No continente, a matriz francesa, que privilegia um imenso conjunto de cursos de formação essencialmente técnica, sectorial e sub-sectorial, agrupados sob a tutela pública e essencialmente ligados às instituições que se consagram à área da conservação, restauro e protecção do património, e na área especificamente museológica sobretudo na École du Louvre, é provavelmente a que mais diverge da corrente por nós optada, que, em nosso entender, melhor responde pela via profissionalizante e da investigação às necessidades do país.

II Mário Moutinho

Professor da área de Museologia da Universidade Lusófona
<http://tercud.ulusofona.pt>

A questão do ensino da museologia pode ser vista de diferentes formas, de acordo com o entendimento que cada um tem do lugar que os museus podem/devem ocupar na sociedade contemporânea.

Deste entendimento decorre naturalmente o lugar que se atribui à Museologia. Pois tanto se pode entender que se trata de uma simples técnica (saberes práticos), como de uma área do conhecimento tão complexa como qualquer outra. Durante muitos anos foi um escândalo pensar que a Museologia tinha um lugar no Ensino Superior em Portugal. Nos tempos que correm a situação é algo diferente. Aceita-se a existência de Mestrados, mas tarda a aparecer uma formação de 1º ciclo (Licenciatura) invocando-se para tal as mais variadas justificações. A Universidade Lusófona já apresentou um pedido ao Ministério há 10 anos atrás, mas este ainda não teve tempo para responder (!!!) ou talvez entenda que não é necessário qualificar os recursos humanos que actuam nesta área.

E neste ponto, devemos reconhecer que não estará muito longe dos recentes documentos do ICTOP, que longe de proporem uma formação de base consistente, se limitam a tomar em consideração as formações complementares, como é o caso das *guidelines* actualmente em discussão.

Do lado oposto, devemos ter em consideração a abertura de uma dezena de licenciaturas em Museologia de 4 anos, no Brasil, como resultado de uma política consistente do Ministério da Cultura deste país. A justificação é simples: se pretendemos ter recursos humanos aptos a desenvolver com qualidade a museologia e o trabalho nos museus em particular, então a formação nos diferentes níveis é indispensável. Tal entendimento dá forma ao ensino da Museologia na Academia Reinwardt de Amesterdão, onde a licenciatura está na base do modelo de ensino aí seguido.

Pelo nosso lado, asseguramos formação em Museologia, entendida como área do conhecimento. Na verdade trabalhamos cada vez mais no domínio da **Sociomuseologia**, ao nível do Mestrado (10 programas) e do Doutoramento (2 programas), mas não estamos satisfeitos, pois ainda não conseguimos a tal licenciatura, ou porque o país não está maduro ou porque não soubemos ainda encontrar o rumo certo.

A Sociomuseologia traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

A Sociomuseologia constitui-se assim como uma área disciplinar de ensino, investigação e actuação que privilegia a articulação da Museologia em particular com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planeamento do Território.

A abordagem multidisciplinar da Sociomuseologia visa consolidar o reconhecimento da Museologia como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica.

A Sociomuseologia assenta a sua intervenção social no património cultural e natural, tangível e intangível, da humanidade.

Moutinho M., XIII Atelier Internacional do MINOM, Universidade Lusófona, Lisboa, Setúbal. 2007 <http://cadernosociomuseologia.ulusofona.pt>

E tudo isto é por demais urgente, pois torna-se necessário organizar a profissão de museólogo, de modo a garantir que a ela terão acesso as pessoas com formação específica nesta área do conhecimento. Só assim o trabalho nos museus e na Museologia em geral poderá atingir elevados padrões de desempenho. Qualidade e formação são duas palavras que casam muito bem. Teoria e prática evidentemente, ainda casam melhor.

ENTREVISTA COM...

A capa e o editorial da *Time Out* de 15 de Outubro foram dedicados aos museus da capital, assim como uma grande reportagem no interior da revista. O objectivo: dar a conhecer “histórias e segredos que [nos] vão fazer mudar de ideias sobre as colecções mais importantes da cidade”. Foi este o pretexto para uma mini-entrevista com o director da revista, João Cepeda.



ICOM.PT: Na capa da revista lê-se: “Museus: Histórias e segredos que o vão fazer mudar de ideias sobre as colecções mais importantes da cidade”. Qual acha que é a ideia que as pessoas têm?

João Cepeda (JC): Há muitas coisas de valor nas colecções dos nossos museus (valor histórico e valor material), mas a comunicação que os museus fazem é manifestamente insuficiente para que as pessoas possam descobrir e entender esse valor. Ora, como a visita a um museu não deve ser um passeio pré-definido para contemplar os pontos fortes das colecções, nós, como revista, decidimos procurar os detalhes à volta de cada peça. Muito humildemente, acho que os museus também deviam fazer esse trabalho, mais do que limitarem-se a dizer que o que têm são peças únicas. Só assim elas ganham vida e interesse.

ICOM.PT: Nesse caso, não acha que a ideia que as pessoas têm prende-se mais com o serviço prestado pelos museus e não com as colecções em si?

JC: O serviço ultrapassa as peças. O facto de haver nas salas dos museus seguranças em vez de guias é um erro monumental. As pessoas não sabem se quem lá está sentado pode dar informações ou não. Não sabendo isso, não falam. É preciso comunicar, decodificar. Não deve ser preciso um mestrado para se poder visitar uma exposição e perceber o que está exposto. E o facto de a nossa revista dedicada aos museus ter vendido muito bem significa, para mim, que as pessoas querem saber mais.

No fundo, o museu é como uma outra empresa qualquer. Comunicação, restaurante, loja são componentes que constituem a experiência de visitar um museu. Muitas vezes os museus acham que basta ter um grande edifício e uma grande colecção e está feito. Mas é necessário fazer com que as pessoas queiram voltar. A maioria vai uma vez e não volta, é como “picar o ponto”. Os museus talvez achem que não têm que se preocupar com isso. Nós, como qualquer outra empresa, preocupamo-nos que os nossos clientes – os leitores – sejam fiéis ao nosso produto. Os museus, de alguma forma, deviam fazer o mesmo.

ICOM.PT: Refere no seu editorial que visitar um museu é uma “obrigação ética de quem quer ajudar a cultura”. Quer explicar-nos melhor esta afirmação?

JC: Não podemos estar sempre a queixar-nos da cultura sem a apoiarmos. E a melhor forma de apoiar é ‘ir’ à cultura, participar e não fazer tudo para não pagar o bilhete. Se não ajudarmos, entramos num círculo fechado que não permite o desenvolvimento da criação. Quando as coisas estão mal, temos que ajudar.

ICOM.PT: Quais acha que são as obrigações dos museus para com o público e a sociedade em geral?

JC: Têm que se preocupar mais com a comunicação. É mais uma questão de engenho do que uma questão de arte. E não é uma questão de dinheiro, é jeito e vontade.

ICOM.PT: Como foi feita a escolha dos museus apresentados na vossa reportagem? Faltam alguns...

JC: Sim, e tivemos algumas queixas a propósito disso. Contactámos vários museus e procurámos isolar uma história interessante. Alguns responderam tarde, mas mesmo assim acharam que tínhamos obrigação de os incluir. Alguns fazem o esforço para acompanhar os “timings” do fecho da revista, outros não, talvez por falta de meios.

ICOM.PT: A Time Out fez um ano em Setembro. O que é que trouxe de novo?

JC: Deu espaço a muitos agentes culturais para divulgarem as suas actividades, um espaço que não existia. Há muitos guias na Europa, porque há muita coisa a acontecer. Nós apresentamos mais de 400 propostas semanalmente, apenas de Lisboa. Provámos que esta cidade tem muita mais cultura do que pensava.

ICOM.PT: Quais os atributos que quer que as pessoas associem à marca Time Out?

JC: Independência (a grande diferença relativamente a outras publicações); qualidade; criatividade (queremos surpreender as pessoas todas as semanas).

ICOM.PT: Qual a sua relação com os museus?

JC: Sou frequentador, habituei-me a visitar mais vezes quando vivi em Londres. Faço questão de continuar a visitar agora que estou aqui. E visito mesmo os que considero maus. É uma relação de amor e ódio: acho que os museus são fundamentais na vida de uma cidade, fico triste porque não façam o seu trabalho melhor.

ICOM.PT: Qual o seu museu preferido?

JC: Provavelmente, o Estorick Museum, no norte de Londres, um pequeno museu com colecções do modernismo, que eu gosto especialmente. Aqui, o Museu Gulbenkian. Acho que é um museu que se esforça mais que os outros. Tem o bar, a loja, muito simpático. Devo também dizer que gostava que houvesse algo com a qualidade de Serralves em Lisboa. Se Serralves atrai tanta gente no Porto, imagine o que seria ter um museu com esta qualidade em Lisboa.

ICOM.PT: Qual foi a melhor experiência num museu?

JC: O Clube de sócios da Tate. Tem um bar só para os sócios, pode-se visitar as exposições antes da inauguração, pode-se comprar produtos na loja com descontos. Um espaço não para uma elite, mas para quem gosta da Tate, em troca de um *fee*. Genial.

ICOM.PT: E a pior?

JC: Uma visita, há alguns anos, ao Museu de Arte Popular. Fraco, cheio de pó, sem graça, sem explicações, sem segurança... Pensei que não voltaria a visitar um museu. Mas voltei.

NOTÍCIAS ICOM

RELATÓRIO DE PARTICIPAÇÃO NO 9º ENCONTRO ANUAL DEMHIST

Maria Jesus Monge

Directora do Museu da Casa de Bragança, Paço Ducal de Vila Viçosa
Vice-Presidente do DEMHIST

Pela primeira vez desde a sua criação em 2000, o DEMHIST marcou encontro com associados e colegas fora da Europa. Há já algum tempo que os colegas sul-americanos manifestavam vontade de acolher uma das conferências anuais e, sob o tema “*Casas-Museu, uma ponte entre o Indivíduo e a Comunidade*”, reunimos de 20 a 24 de Setembro passado em Bogotá, capital da Colômbia. O encontro foi preparado por Cecília Fernandez de Pallini, membro da direcção do DEMHIST e colega com grande experiência nas áreas da Educação e Cultura, Presidente da Sociedade Académica Santanderista de Colômbia, que gere a Casa-Museo Francisco de Paula Santander. Os vastos conhecimentos e dinamismo levaram a organizadora a toda a América Latina, difundindo o projecto e convidando colegas e representantes oficiais a estarem presentes. Mais de 100 participantes, oriundos do México, Guatemala, Equador, Bolívia, Chile, Perú, Brasil e Colômbia, responderam ao chamamento e reuniram-se às duas dezenas de europeus que se deslocaram àquele país.

A calorosa recepção local incluiu a presença do Alcaide de Bogotá, membros do Corpo Diplomático acreditados na Colômbia e de várias academias e instituições de Cultura. Iniciámos os trabalhos fazendo o ponto de situação do projecto de categorização das Casas-Museu. Nesta fase, a ficha concebida por Rosanna Pavoni foi preenchida por 147 instituições (17 das quais portuguesas) de vários países da Europa e Brasil. Após a análise e cruzamento destes dados com a proposta apresentada em Malta por Linda Young, foram sugeridas 9 categorias (Personality Houses, Collection Houses, Houses of Beauty, Historic Event Houses, Local Society Houses, Ancestral Houses, Royal Palaces, Clergy Houses, Humble Houses) e apresentados exemplos ilustrativos. Ao longo dos trabalhos, as várias instituições discutiram a adaptação das categorias propostas às respectivas realidades, com perspectivas enriquecedoras e apreciação de realidades menos comuns no contexto europeu.

A questão subjacente a toda a organização do encontro era a promoção de redes locais / regionais e respectiva ligação à comunidade, o que na América Latina significa em sentido lato trabalhar com todos os países. Os contactos proporcionados pelo encontro, reforçados pelas visitas a várias instituições museológicas, irão seguramente fazer frutificar algumas experiências já em gestação, como a iniciada na Cidade do México por Lourdes Monges.

O encontro terminou com a Assembleia Geral anual do DEMHIST que, este ano, se revestiu de particular importância, já que houve eleições para os corpos dirigentes, mantendo-se Daniela Ball (Suíça) como Presidente. Jeanne Watson (EUA) continua como vice-presidente, cargo partilhado com Maria de Jesus Monge (Portugal). O secretário-tesoureiro continua a ser Peter Keller (Áustria), sendo os membros ordinários Cecília Fernandez de Pallini (Colômbia), Beatriz Quevedo (Guatemala), Hetty Berens (Holanda), Hartmut Dorgerloch (Alemanha) e Luc Vanackere (Bélgica).

O próximo encontro terá lugar em Stavanger na Noruega de 19 a 24 de Junho de 2009, com o tema “Historic Houses as Documents of Social Life and Traditional Skills”.

NOVAS PUBLICAÇÕES

The Green Museum: A Primer of Environmental Practice

Sarah Brophy and Elizabeth Wylie

AltaMira Press

ISBN: 978-0759111653 / £25,00

Touch in Museums: Policy and Practice in Object Handling

Helen Chatterjee (ed)

Berg

ISBN: 978-1847882387 / £19,99

Jewish Museums of the World: Treasures of Judaica

Grace Cohen Grossman

Universe Publishing Inc

ISBN: 978-0789399731 / £25,00

Museum Marketing and Strategy: Designing Missions, Building Audiences, Generating Revenues and Resources (2nd edition)

Neil Kotler, Philip Kotler and Wendy Kotler

Jossey-Bass

ISBN: 978-0-7879-9691-8 / £31,99

Lost in the Museum: Buried Treasures and the Stories they Tell

Nancy Moses

AltaMira Press

ISBN: 978-0759111653 / £14,99

O Fresco Maneirista do Paço de Vila Viçosa (1540 – 1640)

Vitor Serrão

Fundação da Casa de Bragança

ISBN: 978-972-9195-29-7/ €50,00

Museums and Difference

Daniel Sherman

Indiana University Press

ISBN: 978-0253219350 / £17,99

NOVO BLOG

<http://museuempedacos.wordpress.com/>

CALENDÁRIO DE INICIATIVAS DEZ - FEV

PORTUGAL

[Seminário] Seminário Intensivo sobre Planos de Conservação Preventiva

29 Nov e 6 Dez

ESTAL - Escola Superior de Tecnologias e Artes de Lisboa

Contacto: Gabinete de Formação Instituto Ibérico do Património

Tel. 210967349 / 911989127 | Email: geral@iipatrimonio.org | www.iipatrimonio.org/formacao

[Simpósio] 9th VAST International Symposium on Virtual Reality, Archaeology and Cultural Heritage

Tema: Towards Sustainability | Integrated Technological Practices for Human Heritage and Cultural Memory

3 a 5 Dez

Braga

Informações: www.vast2008.org

[Curso] Concepção de conteúdos e recursos pedagógicos

10 a 12 Dez

Museu da Presidência da República, Lisboa

Contacto: Museu da Presidência da República

museu@presidencia.pt | www.museu.presidencia.pt | Tel.: 213 614 660

[Curso] Tecnologias digitais em museus

21 a 23 Jan

Museu da Presidência da República, Lisboa

Contacto: Museu da Presidência da República

museu@presidencia.pt | Tel.: 213 614 660

[Encontro] Forum Cultura e Criatividade 2009

TEMPUS: Salão Internacional dos Museus e do Património | CONCEPTA: Feira Internacional de Arte, Cultura e Indústrias Criativas

4 a 8 Fev

Exponor, Matosinhos

Contacto: Agência INOVA

inovaforum@agenciainova.pt | www.agenciainova.pt | Tel.: 222 085 228

ESTRANGEIRO

[Encontro] Museum Ethics

3 Dez

Museum of World Cultures, Gothenburg, Suécia

Contacto: Staffan Lunden

Staffan.Lunden@museion.gu.se

[Conferência] 2ND HERITY International Conference

Tema: Measuring value of Cultural Heritage

3 a 5 Dez

Palazzo Valentine, Roma, Itália

Contacto: HERITY

tel/fax06.70497920 | www.herity.it

[Conferência] NODEM 08 (Nordic Digital Excellence in Museums)

3 a 5 Dez

Reykjavik, Icelândia

Contacto: Margrét Guðmundsdóttir (University of Iceland, Centre for Research in the Humanities)

mgu@hi.is

[Formação] International Field School in Museums and Sustainable Heritage Development

6 a 21 Dez

Vietname

Contacto: Professor Amareswar Galla (University of Queensland, Museum Studies, School of English, Media Studies and Art History)

museum@uq.edu.au

[Conferência] Society for Historical Archaeology Conference on Historical and Underwater Archaeology

Tema: Places of Meaning, Meaning in Place: Tangibility, Controversy, and Conscience at Historic Sites

6 a 11 Jan

Toronto, Ontario, Canadá

Contacto: Kevin M. Bartoy (Director of Archaeology, The Hermitage, Nashville, Tennessee, USA)

kbartoy@thehermitage.com | www.thehermitage.com

[Conferência] Historical Research in Museum Collections: Approaches, Opportunities and Challenges

6 Fev

University of Edinburgh and National Museum of Scotland, Edinburgh, Edinburgo, Reino Unido

Contacto: Sally Tuckett

s0126857@sms.ed.ac.uk

[Simpósio] Building Museums Symposium 2009

26 a 28 Fev

Washington DC, EUA

Contacto: Mid-Atlantic Association of Museums

maamquestions@gmail.com

MAIS À FRENTE...

[Conferência] Centre for Tourism and Cultural Change/ Leeds Metropolitan University

Tema: Traditions and Transformations: Tourism, Heritage and Cultural Change in the Middle East and North Africa Region

4 a 7 Abr

Amman, Jordan

Contacto: Daniela Carl

ctcc@leedsmet.ac.uk | www.tourism-culture.com

[Conferência] Curating Difficult Knowledge

16 a 18 Abr

Concordia University, Montreal, Canadá

Contacto: Monica Eileen Patterson

mepatter@umich.edu | http://cerev.concordia.ca

[Conferência] American Association of Museums, Media & Technology 2009

Tema: The museum experiment

30 Abr a 4 Maio

Filadelfia, EUA

Informação: www.aam-us.org/am/am09.cfm

[Encontro] Universeum - European University Heritage Annual Meeting

11 a 13 Jun

Universidade de Toulouse, França

Contacto: Catherine Gadon, Université Paul Sabatier

universeum09@adm.ups-tlse.fr

E AINDA...

Informação sobre todos os encontros dos Comitês Internacionais do ICOM em
<http://icom.museum/calendar.html>

INFORMAÇÃO ICOM.PT é uma publicação trimestral da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM.

Editora Maria Vlachou (mariavlachou@sapo.pt)

Design Sistemas do Futuro

Colaboraram nesta edição: Armando Coelho, Fátima Alves, Luís Raposo, Maria Jesus Monge, Maria Vlachou, Mário Moutinho.
A todos os colaboradores o nosso agradecimento.